



O Presidente russo Vladimir Putin segura um globo terrestre recebido de presente, durante um encontro com participantes de um fórum educacional, 29 Ago 14. Nele, o território russo parece incluir a Crimeia.

(Foto AP/RIA-Novosti, Serviço de Imprensa Presidencial, Mikhail Klimentyev)

Uma Rússia Mais Poderosa é Realmente Algo Tão Ruim?

George Michael

Alguns observadores temem que a incursão das Forças Armadas russas na península ucraniana da Crimeia, no final de fevereiro de 2014, tenha desencadeado uma sequência de acontecimentos que ameaça dismantelar a ordem pós-Guerra Fria,

que se presume estar baseada na integração global e no Estado de Direito internacional¹. Tais observações são exageradas e requerem uma análise aprofundada e crítica. Pode-se, com efeito, concluir que os acontecimentos em curso envolvendo a Rússia e Estados

fronteiriços sejam motivo de grave preocupação para os Estados Unidos da América (EUA), mas não pelas razões supostas inicialmente.

As tendências expansionistas recém-reavivadas da Rússia são o prenúncio de um plano secreto de conquistar o mundo ou indicam algo completamente diferente? Por que os EUA devem se preocupar? O fato é que os EUA devem se preocupar porque, no sistema mundial em evolução, os dois países precisarão — e muito — um do outro. Portanto, qualquer coisa que os EUA possam fazer para compreender melhor as motivações subjacentes da recente agressividade russa e para utilizar esse entendimento na criação de políticas destinadas a aplacar o atual ressentimento que a Rússia lhes dirige será de extrema importância para os interesses nacionais norte-americanos.

Mal ou bem, ambos os países enfrentam ameaças semelhantes à sua segurança de longo prazo e ao seu senso de identidade nacional. Assim, a política externa dos EUA deve ter como prioridade cultivar a Rússia como uma valiosa aliada, em vez de dar continuidade a inábeis esforços de humilhá-la publicamente com o intuito de submetê-la aos desejos norte-americanos, no cenário mundial, quanto a questões como seu relacionamento com a Ucrânia. Isso só tem servido, atualmente, para fazer com que a Rússia volte a se transformar em um adversário, como durante a Guerra Fria.

Sem dúvida, preservar a Ucrânia como um país independente e soberano deve ser um objetivo sério, o qual, na verdade, poderá ser conquistado mais facilmente com um esforço concentrado de enxergar a questão pelo prisma russo e de conciliar, na medida do razoável, suas preocupações e interesses.

O Retorno da Rússia como Grande Potência?

Um bom ponto de partida para qualquer análise crítica da ótica russa em relação aos acontecimentos na Ucrânia é considerar se a Rússia tem algum interesse particular legítimo naquele país. Do ponto de vista russo, definitivamente sim. Os interesses russos decorrem, em grande parte, das raízes históricas na Ucrânia. Os russos étnicos a veem como o lar ancestral dos fundadores da própria nação russa — o Principado ou Rus de Kiev. Em consequência, durante a maior parte do milênio, a Ucrânia foi considerada, por muitos russos étnicos, como parte integrante do território

russo² (cabe observar que a maior parte da população de etnia ucraniana parece discordar dessa premissa).

Em qualquer uma das duas perspectivas, não há dúvida de que, em função da proximidade geográfica e das inegáveis raízes étnicas e culturais eslavas em comum, a Ucrânia está, de maneira legítima, dentro da esfera de interesse cultural e estratégico da Rússia. Além disso, o único porto russo localizado em área de clima relativamente quente (em Sevastopol, na Crimeia) estava situado em território ucraniano (agora anexado à Rússia), o que o deixava vulnerável a constantes ameaças de fechamento durante períodos de tensão política regional ou internacional.

Se considerado nesse contexto, é compreensível que o ousado estratagema de Putin para se apossar de parte do território ucraniano tenha recebido tanto apoio dos russos étnicos dentro e fora da Rússia. Foi algo amplamente visto por eles como um passo positivo rumo a reafirmar a autoridade do Kremlin sobre um território que a maioria deles considerava ser, fundamentalmente, russo e sobre enclaves de etnia russa que, em vários momentos da história, haviam feito parte do Império Russo. Dessa ótica, pode-se entender, facilmente, por que as tropas russas foram recebidas tão calorosamente pelos habitantes de etnia russa da Crimeia, que enxergaram tal incursão como um resgate, que os salvava de supostas violações de seus direitos civis por um governo ucraniano cada vez mais nacionalista, que desejava distanciar-se da Rússia.

Da mesma forma, não surpreende que esse sentimento pan-russo haja se manifestado mais uma vez apenas dois meses após o envolvimento russo inicial na Crimeia, com um levante de milícias pró-Rússia, que se apoderaram de outras cidades com populações de etnia russa no leste de Ucrânia, assumindo o controle dos respectivos governos locais. Assim, ao apoiar e, em seguida, patrocinar a rebelião étnica, o Presidente russo, Vladimir Putin, tirou proveito da xenofobia russa, já incitada por esforços impopulares da União Europeia e dos EUA de alterar, fundamentalmente, o equilíbrio de poder na Europa, ao buscarem cortar os laços econômicos da Ucrânia com a Rússia e realinhá-los com a Europa Ocidental. Ao instigar o senso de identidade étnica russa dentro da Ucrânia, Putin conseguiu provocar uma rebelião armada, que utilizou para justificar a anexação de alguns territórios ucranianos e de outros, para todos os efeitos práticos.

É preciso entender que Putin é um oportunista, com um projeto mais amplo. Ele se considera um líder pan-russo, que segue o exemplo dos czares. Essa postura predomina em seu discurso público. Já há algum tempo, defende, publicamente, a necessidade de recuperar a grandeza e o prestígio internacional da Rússia reconstituindo e estendendo o império russo sobre seus antigos territórios. Por exemplo, em um discurso ao Duma (Parlamento) russo, proferido em junho de 2014, invocou, como justificativa para o novo expansionismo russo, o legado de Vladimir, o Grande — o príncipe de Kiev que estabeleceu o cristianismo na Rússia. Em seguida, Putin assinou um tratado, que formalizou a anexação da Crimeia, terra onde seu próprio antepassado foi batizado no ano de 988³. Outra manifestação do inquieto Kremlin de Putin tem sido sua propensão cada vez maior a contestar, agressivamente, a influência política norte-americana em diversas frentes, em âmbito mundial.

Como essa postura belicosa e nacionalista é vista pela população russa? Pesquisas de opinião confiáveis revelam um forte apoio popular russo a convicções e ações de Putin que são no mínimo perturbadoras. Nos últimos meses, a popularidade de Putin, segundo os indicadores do projeto Global Attitudes, do Pew Research Center, dispararam para 83% — porcentagem máxima em quatro anos — depois de um período prolongado de desencanto após sua vitória na eleição presidencial de 2012⁴.

Isso contrasta, fortemente, com a forma invariavelmente negativa pela qual os dirigentes ocidentais o enxergam. A agressão de Putin contra a nominalmente independente Ucrânia provocou indignação e censura generalizada no Ocidente. Em um sinal de protesto e reprovação, o governo Obama impôs, rapidamente, sanções econômicas e bancárias contra a Rússia⁵. A União Europeia seguiu o exemplo e chegou a ameaçar cancelar o projeto do gasoduto “South Stream,” orçado em US\$ 20 bilhões e destinado a exportar o gás natural da Rússia para a Europa, passando ao largo da Ucrânia⁶.

Quando da publicação deste artigo, nenhuma dessas medidas havia obtido o efeito aparentemente pretendido pelo Ocidente sobre Putin ou sobre as atitudes do povo russo, primordialmente porque a Europa Ocidental precisa do gás natural russo. Ao contrário, a censura do Ocidente e a ineficácia de suas medidas contra a Rússia para protestar a anexação do território ucraniano parecem ter, na verdade, fortalecido, em vez

de enfraquecer, o ressurgimento da rebeldia russa.

No âmbito da cultura popular, os russos ressurgiram como vilões. Por exemplo, uma das personalidades mais em alta nos campeonatos de luta da WWE (World Wrestling Entertainment) é a gerente de lutadores Lana, apelidada de “Ravishing Russian,” ou “russa encantadora,” que enaltece Vladimir Putin e incita a plateia com provocações antiamericanas⁷. Da mesma forma, um novo antiamericanismo tem se apossado da Rússia, e os EUA são vistos como seu principal inimigo e rival geopolítico. Assim, à primeira vista, a Rússia sob Putin parece avançar perigosamente rumo a reafirmar a condição de superpotência no cenário mundial. Entretanto, uma análise mais detalhada revela que as ações de Putin e da Rússia são, na verdade, atos de um crescente desespero, fadados a ter uma duração relativamente curta.

A Rússia é assolada por um enorme conjunto de problemas internos, que representam obstáculos enormes à capacidade do Kremlin para manter seu novo senso de confiança ou prestígio por mais que um curto período, mensurável em décadas, e muito menos para recuperar sua condição de superpotência. Quase todos esses desafios estão ligados a mudanças drásticas iminentes na composição demográfica da Rússia.

A Rússia e a Bomba Demográfica

É preciso que os formuladores de política norte-americanos reconheçam que a Rússia está, possivelmente, no momento mais decisivo de sua história em termos de sua identidade eslava. As atuais mudanças demográficas pelas quais está passando ameaçam transformar o que significa ser russo e, consequentemente, a dinâmica das relações internacionais com o país. O dilema da Rússia está quase inteiramente relacionado com o número cada vez menor de russos étnicos e tradicionalmente cristãos ortodoxos, em comparação com a crescente quantidade de grupos étnicos não eslavos, muitos dos quais se identificam, primordialmente, como sendo de etnia chinesa, de minorias islâmicas ou ambas.

Com uma taxa de natalidade baixa e uma taxa de mortalidade comparativamente elevada, a população de etnia russa do país vem encolhendo desde o início dos anos 90. Na época do colapso da União Soviética, a população da Rússia estava estimada em 148,5 milhões de habitantes. Já em 2009, havia diminuído para 141,9 milhões, um declínio de quase 5%. Essa tendência tem continuado e, segundo projeções do próprio governo

russo, a população diminuirá em mais 5,5 milhões até 2025⁸. Segundo as previsões oficiais da Rússia e de organizações internacionais como as Nações Unidas, ela ficará entre 80 e 100 milhões até 2050⁹.

A Rússia sofreu repetidos surtos de declínio populacional (despopulação) durante o século XX, mas aquele foi um período entremeado de guerras, revolução, fome e agitação política. Em contrapartida, a atual tendência de declínio populacional difere em aspectos importantes. Primeiro, este é, de longe, o período mais longo de despopulação da história russa moderna. Segundo, esse declínio vem ocorrendo em um época de relativa estabilidade e paz, e, portanto, deve ser atribuível a outros fatores, e não a alguma catástrofe.

Outra particularidade desse período de declínio da população russa é que ela está sendo radicalmente afetada por mudanças em sua composição étnica, passando, rapidamente, de uma maioria de etnia eslava para uma maioria islâmica centro-asiática e não eslava,

no oeste, e uma maioria chinesa, no leste. Caso as atuais tendências continuem, sem que haja uma reposição das populações eslavas que conserve o caráter e cultura eslavos da nação russa, há uma boa possibilidade de que a Rússia de foco cristão ortodoxo, como é conhecida hoje, desapareça até o final deste século. Tal mudança pode levar a transformações radicais nas alianças internacionais, com concomitantes mudanças ao equilíbrio de poder na Ásia e na Europa.

Para combater essas tendências, o governo russo tem oferecido incentivos para que casais de etnia russa tenham filhos, mas, até agora, essas medidas tiveram um sucesso limitado¹⁰.

Impacto das Mudanças Populacionais no Relacionamento entre a Rússia e a China

Um dos principais relacionamentos sendo afetados pela mudança demográfica é o que a Rússia tem com



Homem exibe camisetas com a estampa de Vladimir Putin em um mercado em Varna, na Bulgária, 16 Set 14. Com a anexação da península da Crimeia, as camisetas ganharam popularidade na Bulgária, onde 300 mil cidadãos russos são residentes permanentes.

(Foto AP/Rex Features)

sua eventual aliada, a China. Desde o final da Guerra Fria, os dois países fizeram avanços na reconciliação política e na resolução — pelo menos por agora — de antigas disputas territoriais em sua longa fronteira no extremo oriente. O comércio entre os dois países também aumentou. Além disso, ambos sentiram o que parecem considerar a dor humilhante de viver sob a hegemonia mundial dos EUA. Por isso, cooperaram em iniciativas estratégicas destinadas a minar a influência norte-americana no Extremo Oriente. Um bom exemplo disso foi a criação da Organização para a Cooperação de Xangai, em 2001, uma aliança política, econômica e militar que inclui a Rússia, a China, o Cazaquistão, o Quirguistão, o Tadjiquistão e o Uzbequistão.

Não obstante, há claros indícios de que a Rússia não conta com que essa era de cooperação bilateral com a China dure muito, prevendo que seu relacionamento de longo prazo com Beijing seja caracterizado pela competição acirrada e pelo conflito, e não pela cooperação.

Entre as dinâmicas por trás do atrito está a absoluta superioridade em números da China. A população de 1,32 bilhão da China ofusca os cerca de 141 milhões de habitantes da Rússia. A menos que surja algum fator imprevisto que aumente a população russa no Extremo Oriente, esse desequilíbrio crescerá com o tempo.

A diferença populacional espelha o desenvolvimento e *status* geral dos dois países. No decorrer das últimas duas décadas, houve uma inversão radical das posições da Rússia e da China como grandes potências. A China vem crescendo em poder e influência, enquanto a Rússia tem seguido uma trajetória geral de declínio¹¹. Como a Rússia, porém, o progresso na China vem sendo dificultado por um movimento separatista muçulmano na sua Província de Uigur, na Região de Xinjiang¹². Enquanto, em 1993, as economias russa e chinesa estavam mais ou menos equiparadas, em 2008, a da China era mais de 3,5 vezes maior¹³. Até mesmo na atual era de desaceleração econômica mundial, a economia chinesa continua mais forte que a russa, em grande parte porque a vantagem populacional lhe confere maior potencial para o desenvolvimento econômico.

A maior preocupação de longo prazo de Moscou advém da flagrante pretensão da China a territórios na Sibéria que considera serem historicamente chineses. Essa pretensão tem sua raiz no relacionamento histórico entre a Rússia e a China. Quando os russos deram

início à sua expansão para o leste em direção à Sibéria no século XVII, os chineses contestaram e tentaram refrear todas as pretensões territoriais russas. Em consequência, houve um grande número de confrontos territoriais intensos e quase contínuos entre a Rússia e a China, com apenas pequenas interrupções até muito recentemente¹⁴.

O subsequente controle russo sobre seus territórios no leste tem sido exercido, primordialmente, a partir de assentamentos-chave por russos étnicos. Ainda que situado em uma área extremamente rica em recursos, o assentamento russo na Sibéria nunca foi vasto, tendo sido dificultado por um clima extremamente frio e inóspito. Por isso, as comunidades de etnia russa na região foram, muitas vezes, mantidas, apenas em consequência da presença de bases militares, reassentamentos forçados ou como colônias penais.

Com a ampliação das liberdades individuais após a dissolução da União Soviética, o número de habitantes russos da Sibéria tem diminuído. Com o declínio da população de russos étnicos, grande parte da Sibéria voltou a ser despovoada. Ironicamente, essa situação transformou a fronteira entre a Rússia e a China, no Extremo Oriente, em uma significativa área de instabilidade. O potencial para maiores conflitos entre os dois países hoje resulta, em grande medida, da chegada de migrantes de etnia chinesa à esparsamente habitada região fronteira siberiana, adjacente aos territórios russos despovoados, conforme os russos étnicos deixam o local em busca de condições de vida mais favoráveis e maior oportunidade econômica na área ocidental da Rússia.

Atualmente, a densidade demográfica no lado chinês da fronteira no Extremo Oriente é 62 vezes maior que a do lado russo, e vem aumentando¹⁵. A menos que haja alguma mudança significativa imprevista nas tendências populacionais entre os habitantes de etnia russa, o já considerável desequilíbrio demográfico entre os grupos étnicos da área continuará a aumentar, em favor dos chineses no futuro próximo. Até 5 milhões de chineses habitam o extremo oriente da Rússia atualmente, número bastante próximo ao total de 6 milhões de russos que permanecem na região, o qual vem diminuindo progressivamente¹⁶. Observadores russos suspeitam que essa população esteja se preparando, com o apoio do governo chinês, para atravessar a fronteira em massa, em um momento propício, no futuro, em que o governo

russo possa estar distraído com outras preocupações e prioridades estratégicas e fisicamente impossibilitado de conter tal migração. Assim, o declínio da população eslava e a entrada contínua e desimpedida de imigrantes chineses perto da Sibéria podem estar preparando o terreno para que Beijing assuma o controle efetivo sobre a região rica em recursos no extremo oriente da Rússia em um futuro não muito distante¹⁷. Isso resultaria, inevitavelmente, no enfraquecimento da Rússia no Extremo Oriente, circunstância em que deixaria de ser um contrapeso para o crescente poder da China.

Tal fato teria consequências de longo alcance para os EUA, uma vez que seus interesses de segurança de longo prazo, conforme descritos em sua “Estratégia Militar Nacional” de 2011, concentram-se, decididamente, no Círculo do Pacífico, baseando-se na premissa de continuidade da hegemonia norte-americana na área¹⁸.

A Rússia e o Mundo Muçulmano

Um segundo impacto importante do declínio da população de etnia russa é uma mudança na orientação e caráter culturais tradicionais do próprio Estado russo. Enquanto há um declínio da maioria eslava, as minorias muçulmanas da Ásia Central continuam a crescer rapidamente.

A população nativa de muçulmanos da Rússia cresceu em 40% desde 1989¹⁹. Essa população foi reforçada, ainda, pelo ingresso de três a quatro milhões de imigrantes muçulmanos oriundos de antigas repúblicas soviéticas, como o Azerbaijão e o Cazaquistão, que entraram no país em busca de emprego²⁰. Atualmente, cerca de 80% dos muçulmanos da Rússia residem nas regiões do norte do Cáucaso e do centro do Volga. Entretanto, estima-se que a própria capital da Rússia, Moscou, também abrigue 2,5 milhões de muçulmanos, mais que qualquer outra cidade europeia com a exceção de Istambul, na Turquia²¹.

Além disso, em 2010, o controle de fronteira do Serviço de Segurança Federal da Rússia registrou um aumento acentuado no número de imigrantes ilegais oriundos do Oriente Médio e do Sudeste da Ásia²². Muitos desses novos imigrantes são muçulmanos originários das antigas repúblicas soviéticas do Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão. A imigração ilegal gerou uma reação negativa na Rússia. Atualmente, gangues eslavas xenofóbicas armadas agredem imigrantes de modo rotineiro. Ao que consta,

a polícia, muitas vezes, ignora esses ataques. No verão de 2008, o ultranacionalista Movimento Contra a Imigração Ilegal organizou algumas grandes manifestações em Moscou e São Petersburgo. O governo tem, cada vez mais, dado ouvidos às queixas de seus integrantes²³.

É difícil obter números precisos, mas, segundo algumas estimativas, a população muçulmana talvez chegue a 27 milhões de habitantes, representando cerca de 15% da população da Federação Russa²⁴. Embora sejam uma minoria atualmente, os muçulmanos da Rússia estão em uma trajetória de crescimento demográfico que pode transformá-los em maioria em meados deste século²⁵.

Caráter da Mudança Cultural

Coletivamente, os muçulmanos na Rússia exibem uma quantidade menor de problemas sociais que seus conterrâneos eslavos. A taxa de divórcio é bem menor entre muçulmanos, em comparação aos russos eslavos. Além disso, as mulheres muçulmanas têm mais filhos, em média, que as eslavas, e são bem menos propensas a fazer abortos. Os muçulmanos também sofrem um número menor de mortes prematuras e vivem mais tempo que seus conterrâneos eslavos, apesar de terem, em geral, um *status* econômico muito inferior²⁶.

Além disso, os muçulmanos, de modo geral, parecem mais devotos ao praticar sua fé que seus conterrâneos ortodoxos. Ao que consta, as igrejas em Moscou ficam praticamente vazias durante a missa, enquanto as mesquitas, em comparação, ficam cheias²⁷. Em 1990, havia apenas 500 mesquitas na Rússia. Em 2008, chegavam a 8 mil. Isso tem alguns potenciais impactos sociopolíticos significativos²⁸.

Primeiro, de modo geral, os valores das comunidades islâmicas incentivam famílias grandes, ao contrário dos valores predominantemente laicos dos russos étnicos, que desestimulam a formação de famílias extensas²⁹. O estado de anomia da sociedade pós-soviética resultou em uma população russa que continua a sofrer de uma acentuada falta de otimismo e confiança no futuro da nação. Diante de tal situação, os casais de etnia russa têm um número cada vez menor de filhos, enquanto problemas sociais como o vício às drogas e o alcoolismo passaram a ser endêmicos. Em consequência, não só há uma alta taxa de mortalidade entre os russos étnicos, como também uma taxa de

natalidade muito baixa. Com uma “taxa de fecundidade total” de 1,61 de nascidos vivos por mulher entre os russos étnicos, a Rússia está hoje em 178º lugar no mundo com respeito a esse indicador³⁰.

As diferenças populacionais parecem estar ligadas, em certos aspectos, ao estado precário do sistema público de saúde, que se deteriorou gravemente na era pós-soviética, em virtude dos péssimos padrões médicos, do desenfreado vício em drogas e de uma epidemia de AIDS. Uma consequência foi o fato de que, em 2011, a Rússia ficou em 144º em expectativa de vida no mundo, classificando-se na terça parte inferior entre todas as nações, fugindo completamente à regra entre os países industrializados³¹.

Ao observar essas tendências demográficas, o economista político Nicholas Eberstadt comentou que a Rússia, hoje, “não se parece com uma economia de mercado emergente e de renda média em situação de paz, e sim com uma sociedade subsaariana destituída durante ou após um conflito”³².

Segundo, uma maioria islâmica praticante pode, com o tempo, tentar substituir o direito laico vigente pela lei islâmica, contra as objeções de outros grupos com *status* de minoria.

Por último, uma Rússia com uma maioria islâmica e que tenha, em particular, herdado um legado governamental de hostilidade aos EUA, deixado por Putin ou seus sucessores, pode tornar-se um terreno fértil de recrutamento para os que reivindicam uma *jihad* global contra o mundo ocidental. A potencial radicalização de um segmento significativo da população muçulmana, aliada à transformação demográfica do país, poderia modificar, drasticamente, a cultura, sociedade e política russas. Conforme observado por Ilan Berman, a ascensão do islamismo radical representa uma grave ameaça à “própria integridade do Estado russo”³³.

Em um futuro bastante próximo, os efeitos da islamização podem se refletir nas Forças Armadas russas. Joseph D’Agostino, do Population Research Institute, prevê que, em breve, os muçulmanos poderão representar até a metade dos recrutas do Exército russo. Embora os russos ainda sejam, claramente, maioria na população e o serviço militar seja obrigatório, apenas cerca de 10% dos jovens russos chegam, de fato, a cumpri-lo, em função de adiamentos para cursar o ensino superior, propinas para evitá-lo, etc. Como

ressalta D’Agostino, considerando o caráter notoriamente brutal do Exército russo, é compreensível que evitem o serviço militar. Ele pergunta:

Contudo, os generais conseguirão evitar ter Forças Armadas muçulmanas se, em sua maioria, os homens que permanecerem na Rússia forem muçulmanos? Essas Forças militares estarão aptas a operar efetivamente, considerando a raiva que muitos habitantes muçulmanos sentem em relação às táticas russas na região muçulmana da Tchetchênia? E se outras regiões muçulmanas da Rússia — algumas das quais contêm enormes reservas petrolíferas — se rebelarem contra Moscou? Os militares muçulmanos aceitarão combater e matar para mantê-las como parte da pátria russa³⁴?

Além disso, não é inconcebível que uma maioria muçulmana fortalecida e ideologicamente polarizada na Rússia tente, um dia, absorver as cinco antigas repúblicas muçulmanas da União Soviética — Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão — e formar uma superpotência que ultrapasse todas as outras nações muçulmanas em população, recursos e poderio militar. Assim, a transição da Rússia para uma população com maioria muçulmana poderia ser ainda mais perturbadora que a dissolução da União Soviética, abalando radicalmente o equilíbrio de poder na Europa e na Ásia. Por exemplo, no subcontinente indiano, uma Rússia islamizada poderia buscar uma causa em comum com seu antigo adversário, o Paquistão, e deixar a Índia — aliada dos EUA e contrapeso à China — em uma posição relativa bem mais fraca. A Rússia do futuro poderia, plausivelmente, despontar como uma superpotência nuclear muçulmana, com uma cadeira permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Se a estrutura demográfica se constitui, de fato, em destino, os EUA precisam preparar-se para a possibilidade de uma Rússia predominantemente muçulmana, em controle de um enorme arsenal nuclear. Tal fato, aliado à possibilidade de uma Europa Ocidental cada vez mais islamizada, colocaria os EUA em uma situação de segurança extremamente complexa, tendo, por um lado, de lidar com uma “Eurásia” no Ocidente e, por outro, com uma Rússia de maioria muçulmana no

Oriente³⁵. Não é difícil perceber, em tal acontecimento, um potencial grande desafio à segurança nacional dos EUA no futuro.

O Islamismo Radical na Rússia

Com respeito aos atuais desafios que a própria Rússia enfrenta com respeito ao islamismo radical, a região do Cáucaso continua a ser politicamente tumultuada. Desde o início do conflito com a Tchetchênia, em 1994, entre 10 mil e 15 mil militares russos morreram na região, comparável ao total estimado de 13.833 militares soviéticos mortos na guerra no Afeganistão nos anos 80³⁶. As guerras provocaram um número ainda maior de vítimas entre o povo tchetcheno, resultando em considerável rancor e ódio pelos russos étnicos³⁷. O que começou como uma luta nacionalista pela autodeterminação se transformou, mais tarde, em uma *jihad* islamista, em que o Cáucaso despontou como um importante teatro de operações. Em consequência, a política tchetchena se tornou tanto islamizada quanto internacionalizada, o que criou as condições para o futuro conflito³⁸.

Ademais, o movimento jihadista mundial buscou utilizar a luta tchetchena pela independência como um veículo para transformar o Cáucaso em um bastião islamista. Caso isso se realizasse, os islamistas radicais poderiam usar a região como base para iniciar ataques terroristas na Rússia, Europa e Oriente Médio³⁹. Com isso em mente, é perturbador observar que, apesar dos êxitos russos anteriores, houve um ressurgimento de militantes tchetchenos nos últimos anos, os quais executaram uma série de ataques terroristas fatais na Rússia⁴⁰.

A Transformação da Rússia de Aliada em Inimiga

Imediatamente após os ataques do 11 de Setembro, o Kremlin foi visto, inicialmente, como um parceiro na guerra capitaneada pelos EUA contra o terrorismo islâmico, pois o Exército russo vinha conduzindo uma campanha prolongada contra os separatistas tchetchenos. O Kremlin chegou a apoiar a intervenção no Afeganistão, permitindo que as Forças Armadas dos EUA utilizassem bases nas antigas repúblicas soviéticas na Ásia Central, sobre as quais ainda exercia uma forte influência⁴¹. Não obstante, o governo norte-americano, por sua vez, nunca apoiou completamente as campanhas russas para pôr fim à *jihad* no Cáucaso. Na

verdade, no final dos anos 90, o governo Clinton não só criticou a condução da guerra pelo Kremlin, como também incentivou, de modo tácito, os aliados muçulmanos da Tchetchênia e empresas de segurança privadas a auxiliar os rebeldes islamistas na região⁴².

Mais recentemente, o governo do Presidente Barack Obama demonstrou ainda menos tolerância em relação ao esforço da Rússia em suprimir movimentos separatistas subjogando rebeliões dentro de suas fronteiras. Em janeiro de 2012, Obama nomeou um incisivo crítico do Kremlin, Michael McFaul, como embaixador norte-americano em Moscou, onde este último recebeu, posteriormente, na embaixada, vários ativistas da oposição, incluindo separatistas, alguns dos quais eram suspeitos de estarem ligados a terroristas, segundo o Serviço de Segurança Federal russo⁴³.

Embora possam gerar ganhos geopolíticos de curto prazo entre alguns grupos internacionais favoráveis aos objetivos dos separatistas, essas políticas podem ter consequências desastrosas no futuro, por frustrarem tentativas de cultivar a boa vontade e o apoio da Rússia, de que os EUA precisarão para lidar com seus próprios desafios de segurança.

A Rússia Corteja o Mundo Islâmico

Para se opor ao que percebe, aparentemente, como hostilidade do Ocidente, em geral, e dos EUA, em particular, a Rússia parece estar fazendo um esforço estratégico para agradar o mundo islâmico e recuperar parte de sua influência da era soviética. Para tanto, Putin buscou definir, publicamente, no mundo muçulmano, sua visão de quais seriam os militantes islâmicos “bons” ou “ruins”: seriam, respectivamente, aqueles que desafiam os EUA e Israel, ao passo que estes últimos seriam os separatistas tchetchenos e seus aliados no norte do Cáucaso e no Tatarstão⁴⁴. Essa abordagem obteve considerável sucesso político. Na reunião da Organização da Conferência Islâmica realizada em 2003 em Kuala, na Malásia, em meio a declarações antissionistas e antiamericanas, Putin discursou sobre o tema, colocando a Rússia em forte contraste com o mundo ocidental e descrevendo-a como “defensora histórica” do Islamismo⁴⁵. A Rússia foi, posteriormente, convidada a fazer parte daquela organização como observadora oficial, em 2005.

Nesse mesmo espírito, em um discurso proferido em 24 Jun 09, no Cairo, perante a Conferência da

Liga Árabe, o então Presidente Dmitry Medvedev enfatizou a importância do Islamismo para a Rússia, observando que, em virtude do tamanho de sua população muçulmana, o país “não precisa buscar uma relação de amizade com o mundo muçulmano. Nosso país é parte integrante desse mundo [muçulmano]”⁴⁶.

Embora Putin identifique a Rússia, claramente, como uma nação predominantemente cristã, ele vem tentando estabelecer uma linha divisória entre os valores em comum dos praticantes de várias tradições religiosas e os valores do mundo laico ocidental. Ele enfatiza, cada vez mais, os valores morais que a Rússia compartilha com o Oriente Médio, a Ásia e

Muçulmanos rezam diante da principal mesquita de Moscou durante a comemoração de Eid al Adha, ou “Grande Festa”, 15 Out 13. A festa, celebrada por muçulmanos no mundo inteiro, é chamada de Kurban-Bairam, na Rússia.

(Foto AP/Alexander Zemlianichenko)



outras sociedades não ocidentais. Como parte dessa estratégia de “poder persuasivo” (*soft power*), ele busca explorar as diferenças entre os valores sociais do Ocidente e os dos países predominantemente muçulmanos no Oriente Médio e Norte da África, por exemplo, em questões como o feminismo e os direitos *gay*. Com isso, ele busca transformar os valores

ocidentais em uma desvantagem para os governos do Ocidente, com significativo sucesso⁴⁷.

Uma consequência aparente das iniciativas de Putin é que, em boa parte do mundo muçulmano, a Rússia tem sido vista cada vez mais como um contrapeso viável à influência norte-americana⁴⁸. Essa visão deve ganhar ainda mais aceitação, à medida que a população muçulmana crescer na Rússia.

Além disso, aparentemente, Putin se sente seguro o suficiente, politicamente, para ignorar os apelos dos governos ocidentais, que têm insistido com o Kremlin para que pare de ajudar a República Islâmica do Irã a concluir as obras no reator nuclear de Bushehr. Provocou ainda mais o Ocidente ao patrocinar a formação de muitos cientistas nucleares iranianos, que receberam treinamento da Rússia⁴⁹. Com isso, Putin conseguiu usar o Irã como uma alavanca, para enfraquecer a influência dos EUA e a confiança neles depositada por nações do Oriente Médio, ao mesmo tempo que explorou a discórdia entre sunitas e xiitas, elevando o *status* do Irã xiita como um obstáculo ao radicalismo sunita no interior da Rússia.

Não obstante, da mesma forma que os EUA, a Rússia provavelmente tem suas próprias restrições quanto ao objetivo iraniano de adquirir um arsenal nuclear. Sem dúvida, alguns líderes russos suspeitam que um Irã fortalecido e provido de armas nucleares possa, um dia, tentar reivindicar, à custa da Rússia, os “territórios do norte” do antigo Império Persa, hoje situados no Cáucaso e Ásia Central. Tal eventualidade é plausível com base nas mudanças demográficas previstas para a região. Segundo algumas projeções, até o ano de 2050, a população da Rússia pode encolher para 100 milhões, ao passo que o Irã, por si só, talvez alcance 90 milhões de habitantes. Além disso, até lá, o Irã estaria em uma posição de vantagem em relação à Rússia em termos do desenvolvimento do setor de petróleo e gás natural, assim como das tecnologias nucleares⁵⁰.

Reconstituição do Império Russo

O Presidente russo, Vladimir Putin, está totalmente ciente das ameaças existenciais que sua nação enfrenta em virtude das mudanças demográficas. Em 2006, descreveu o declínio demográfico como “o problema mais grave da Rússia contemporânea”⁵¹. Essa é uma circunstância que Putin, o exaltado nacionalista russo, deve tentar reverter a praticamente qualquer



custo. E como, exatamente, um dirigente com o histórico e o caráter de Putin faria isso? Para responder a essa pergunta, seria útil examinar sua formação e as influências que, ao que consta, moldaram sua visão de mundo.

Com as condições deploráveis que a Rússia enfrenta, não é difícil ver por que uma personalidade forte como a de Putin tem tanto apelo junto ao público na Rússia. Segundo sua principal biógrafa, Masha Gessen, Putin nunca foi um grande defensor do comunismo. Ao contrário, sempre teve uma fé muito superficial no sistema comunista, o qual, muito antes da queda do Muro de Berlim, concluiu não ser mais plausível. Em vez disso, Putin depositou sua fé nas instituições soviéticas do governo central e no histórico de resiliência do povo russo⁵². Antes de mais nada, prestava lealdade à KGB e ao império soviético que o órgão defendia. Assim, quando houve o colapso, a dissolução da União Soviética foi (em suas próprias palavras) “a maior catástrofe geopolítica” do século XX.

Ao assumir o poder pela primeira vez, em 2000, Putin explorou a decepção e fadiga da população russa (que havia sofrido sob a instabilidade econômica na época de Yeltsin), reconcentrando, implacavelmente, o poder em um governo estatal centralizado⁵³. Seus esforços foram apoiados por um concomitante aumento súbito nos preços mundiais do petróleo, o que gerou enorme prosperidade para o setor energético da economia russa, contribuindo para a situação fiscal do governo⁵⁴. Com efeito, o sóbrio e extremamente disciplinado ex-oficial da KGB conseguiu estabelecer uma boa dose de estabilidade econômica, elevando a posição da Rússia nas relações internacionais e ampliando sua influência no cenário mundial.

Apesar de suas inúmeras aparentes falhas, os esforços de Putin o transformaram em um ícone nacional, por ele ter devolvido, em grande medida, um sentimento de orgulho patriótico a seus conterrâneos, que haviam se sentido traídos e humilhados pelo rápido declínio do país, uma reconhecida superpotência nos anos 90⁵⁵. Apesar de considerável dissidência interna e de expressões de insatisfação nos últimos anos contra seu estilo autocrático e sua tentativa de enfraquecer as instituições de uma democracia pluralista, Putin parece ter firme controle sobre o Estado russo, com amplo apoio do público.

Influências sobre o Pensamento de Putin

Putin talvez seja um reflexo fiel das atitudes russas em geral. Parece haver um amplo consenso cultural entre os russos étnicos de que ou sua nação cresce ou morre. Putin parece compartilhar dessa visão de mundo, a qual foi influenciada por uma ampla gama de políticos e intelectuais nacionalistas, defendendo um programa de irredentismo que promove a expansão. Ao longo de todo o espectro político, importantes pensadores propuseram, publicamente, formas de reconstruir o império russo, ideias que parecem ter amplo apoio do público⁵⁶. Remontando a 1995, o falecido Alexander Solzhenitsyn, ganhador do prêmio Nobel, defendeu a reconstituição das nações eslavas Rússia, Ucrânia e Belarus, bem como o Cazaquistão, em seu livro *The Russian Question at the End of the Twentieth Century* (“A Questão Russa no Final do



Século XX”, em tradução livre)⁵⁷. Na esquerda política, Anatoly Chubais, o idealizador liberal das reformas econômicas pró-ocidentais da Rússia nos anos 90, também expressa seu apoio à expansão imperial⁵⁸.

Outra forte voz é a de Alexander Dugin, acadêmico da Universidade Estatal de Moscou e ex-arquivista da KGB, reconhecido como principal defensor de um novo império russo. Apelidada de “eurasianismo”, sua visão de mundo é uma mistura ímpar de ultranacionalismo, imperialismo russo, tradicionalismo cultural e misticismo neopagão⁵⁹. Em seu paradigma para um novo império, Dugin descreve os EUA com referências satânicas, afirmando que o país está destinado a um confronto com a Rússia.

As opiniões de Dugin influenciaram Gennady Zyuganov, líder do Partido Comunista da Federação Russa; Vladimir Zhirinovsky, o exuberante líder do Partido Liberal-Democrata; e, mais importante,

Vladimir Putin⁶⁰. Segundo alguns observadores, a visão geopolítica de Dugin se tornou a “estrela guia” para a política externa de Putin⁶¹. Por exemplo, parecendo ecoar Dugin, Putin condena a unipolaridade e promove a ideia de um sistema mundial multipolar que descentralize o poder.

Diante da crise existencial hoje enfrentada pela Rússia, muitos desses formadores de opinião russos preveem, confiantemente, a inevitável reintegração das antigas repúblicas soviéticas⁶². O Kremlin tem tentado explorar esse ativismo nacionalista com medidas para combater o atual declínio demográfico entre russos étnicos, buscando, em parte, uma justificativa para reincorporar enclaves russos situados em seus antigos territórios. Assim, é possível prever que um governo russo cada vez mais nacionalista crie justificativas para conduzir uma série de campanhas revanchistas, com o intuito de recuperar os territórios perdidos ao longo de suas fronteiras. Da mesma forma que a Crimeia, a Belarus e a região leste da Ucrânia são boas candidatas para uma futura anexação pela Rússia. Um grande número de russos étnicos em ambas as regiões parecem favoráveis ao novo império russo em termos políticos e étnicos, considerando-se parte dele⁶³.

A Rússia hoje pode considerar tais ações como uma oportunidade para recuperar uma maioria de etnia russa. Além disso, da ótica de Putin, talvez seja melhor agir logo, em um momento em que o governo dos EUA e a Europa Ocidental divergem em relação a uma série de diretrizes políticas, em circunstâncias em que as tendências demográficas, políticas e econômicas de longo prazo desaconselham esperar.

Para a elite intelectual dos EUA, aspirações à expansão territorial podem parecer estranhamente anacrônicas, além de ilegais, segundo o direito internacional. Para Putin, porém, assim como para muitos russos, tal expansão pode ser considerada como uma questão de sobrevivência nacional. Assim, a incursão na Crimeia e a tentativa de fomentar a agitação étnica em outros locais podem ser consideradas não como indícios da crescente força russa, mas como ações que disfarçam sua decadência.

Suntuoso portão na fronteira com a Rússia, em Manzhouli, Província da Mongólia Interior, 07 Jul 09.

(Foto de NocturneNoir)



Limites dos Objetivos Russos

Pelo prisma da história, os atuais temores quanto à possibilidade de que o imperialismo russo vá além dos Estados ao longo de suas fronteiras e venha a alcançar a Europa Ocidental são infundados. A Rússia só foi capaz de penetrar o coração da Europa em apenas duas ocasiões. A primeira vez foi no ápice das Guerras Napoleônicas, em 1814, quando o Exército russo ocupou Paris por um breve período. A segunda vez foi no final da Segunda Guerra Mundial, quando o Exército soviético alcançou Berlim. Em cada um desses casos, a Europa Ocidental havia sido gravemente enfraquecida pela guerra. Assim, em circunstâncias normais, a Europa Ocidental parece ser bem capaz de resistir à Rússia.

Além disso, no futuro próximo, a Rússia não será capaz de projetar uma grande força convencional muito além de suas fronteiras, em virtude da atual insuficiência de efetivos e dos efeitos persistentes dos drásticos cortes orçamentários após o fim da Guerra Fria⁶⁴. Segundo a própria avaliação do Kremlin, o Exército russo teve um desempenho terrível na guerra com a Geórgia⁶⁵. Além disso, atualmente, a Rússia está cercada (além da antiga esfera soviética) por regiões e países

mais dinâmicos — em termos políticos, econômicos e demográficos — que ela própria⁶⁶. Em palavras simples, as forças convencionais da Rússia não se equiparam às de seus principais vizinhos: nem às da OTAN, a oeste, nem às da China, a leste⁶⁷.

Deixando de lado suspeitas sobre as ambições territoriais russas, gestos de intimidação entre os EUA e a Rússia são extremamente contraproducentes para ambos. Embora os dirigentes ocidentais possam indignar-se com o autoritarismo e a agressão de Putin, seria insensato reavivar a Guerra Fria com a Rússia. Primeiro, por motivos óbvios, é recomendável que ambos os países evitem uma retórica que possa dar início a uma nova corrida armamentista ou até mesmo a um confronto nuclear. Com uma força convencional extremamente reduzida, a força estratégica da Rússia reside em suas ogivas nucleares, herdadas da era soviética⁶⁸. Apesar de grandes cortes, esses arsenais ainda são consideráveis, e as consequências de seu efetivo emprego, impensáveis⁶⁹. Ademais, muitas dessas armas permanecem em um estado de alta prontidão e, assim, existe a possibilidade de um lançamento não autorizado acidental de uma ogiva⁷⁰.

Não obstante, em uma entrevista concedida ao *Wall Street Journal*, em maio de 2014, o Secretário de Estado dos EUA, John Kerry, declarou que o governo Obama estava plenamente ciente de que um confronto com a Rússia em relação à Ucrânia poderia levar a guerra nuclear⁷¹. Essa retórica é, no mínimo, incrivelmente desaconselhável, gerando o risco desnecessário de escalada à aniquilação global, semelhante à Crise dos Mísseis de Cuba, em 1962.

Ironicamente, a atual situação representa, na realidade, uma oportunidade para os EUA (e para



O Presidente Vladimir Putin, à direita, fala com Ekmeleddin Ihsanoglu, secretário-geral da Organização da Conferência Islâmica, composta de 57 países membros, durante assembleia em 07 Jun 06, no Kremlin.

(Foto AP/Vladimir Rodionov)

o mundo ocidental em geral). À parte de suas sérias divergências e instintos políticos competitivos, incluindo a incursão ilegal na Ucrânia, a Rússia e os EUA precisam um do outro. Em muitas questões vitais que os dois países enfrentarão no longo prazo, os interesses dos EUA, da Europa Ocidental e da Rússia correm em paralelo e, muitas vezes, até se cruzam.

Por exemplo, no futuro próximo, as Forças Armadas dos EUA estarão envolvidas em um conflito prolongado e sem um fim definido com implacáveis terroristas e insurgentes mundiais — oriundos, primordialmente, do mundo de extremistas islâmicos —, determinados a derrubar o mundo ocidental. Em grande medida, isso decorre da instabilidade crônica que assola o Oriente Médio, o Norte da África e a Ásia Central, conforme evidenciado pelos recentes distúrbios na Líbia e pela tentativa de estabelecimento do Estado Islâmico (EI) do Iraque e da Síria por radicais bem providos de armas e verbas. Na medida em que os EUA estão à dianteira do combate ao jihadismo mundial, é importante manter uma frente única com outras nações que enfrentam a mesma ameaça — especialmente a Rússia.

Por acaso, a Rússia enfrenta, como os EUA, uma constante ameaça interna por grupos islâmicos radicais, primordialmente da região do Cáucaso, com objetivos declarados semelhantes contra o Estado. Assim, da mesma forma que os EUA, a Rússia está envolvida no que é, agora, um prolongado e perigoso conflito, sem um fim definido, contra o islamismo militante. Os interesses de ambos os países serão mais bem servidos por um maior empenho em cooperar para combater tal ameaça em comum e lidar com ela mundialmente. Para demonstrar como os interesses dos EUA e da Rússia coincidem nessa área, vale observar que foram identificados jihadistas tchetchenos e uzbeques lutando contra tropas norte-americanas no Afeganistão⁷².

Em outro campo, o governo dos EUA está preocupado com a estabilidade e segurança de seu principal aliado no Oriente Médio, Israel, e seus outros principais aliados regionais, a Jordânia e o Egito. Da mesma forma, o Kremlin está preocupado com o destino de seu aliado de longa data, a Síria, e deseja, em prol de seus interesses nacionais, um Levante estável e pacífico.

Uma outra área de interseção é o interesse comum dos EUA e da Rússia em deter a proliferação nuclear no mundo islâmico. A perspectiva imediata

de um Irã provido de armas nucleares, especialmente, representaria uma ameaça tanto à Rússia quanto aos aliados dos EUA na região.

Por fim, entre muitos outros interesses em comum, a Rússia e os EUA enfrentam a potencial ameaça de uma China em ascensão e cada vez mais agressiva, cuja população é três vezes maior que a soma das populações dos dois países.

Esses exemplos demonstram que é vital que os EUA e a Rússia cooperem para superar os desafios que ameaçam seus interesses em comum. Além disso, a pura verdade é que, sem a participação e a cooperação da Rússia, conforme foi demonstrado repetidas vezes, tanto com o caso do Irã quanto com o da Síria, os esforços norte-americanos em prol de seus objetivos nessas regiões ficarão inviáveis. Portanto, é necessária uma reaproximação entre os dois países, para que possam avançar, juntos, em relação a importantes questões coletivas, com o intuito de alcançar maior estabilidade mundial, que é fundamental para os verdadeiros interesses nacionais de ambos.

Contudo, infelizmente, em vez de reconciliação, desde o final da Guerra Fria, a política externa norte-americana em relação à Rússia parece ter sido formulada em torno de uma política militar de cerco e contenção, conforme evidenciado pela expansão da OTAN⁷³. Segundo ressaltou Charles A. Kupchan, professor de Relações Internacionais na Georgetown University, desde a dissolução da União Soviética, os EUA e seus aliados da OTAN construíram uma ordem pós-Guerra Fria que, efetivamente, excluiu a Rússia⁷⁴. Seu isolamento diplomático pelos EUA só fez com que o Kremlin sentisse uma necessidade ainda maior de se fortificar e deu credibilidade aos sentimentos dos ultranacionalistas que buscam uma expansão armada do território russo.

Assim, tratar a Rússia como um pária internacional se mostrou uma política externa profundamente equivocada, em vários aspectos. Um isolamento ainda maior do país, como sua expulsão do Grupo dos Oito (G8), que reúne democracias industrializadas, só incentivaria Putin a estabelecer relacionamentos de cooperação com praticamente todo país ou grupo nacionalista que considere os EUA como inimigo, incluindo laços mais fortes com regimes como os da Síria, Venezuela e Irã⁷⁵.

Em vez disso, para garantir a estabilidade pan-europeia e mundial, será preciso envidar esforços para integrar a Rússia à aliança do Atlântico⁷⁶. Como observou, certa feita, o analista de defesa Thomas P.M. Barnett, restabelecer uma Guerra Fria com a Rússia seria “simplesmente ceder a vantagem à Al Qaeda ao dividir o Núcleo contra si mesmo”⁷⁷.

Conclusão: Como Cultivar a Rússia como um Aliado

Como uma questão de *realpolitik* (política voltada a considerações práticas), a atual orientação antirrusa do governo norte-americano é imediatista. Com efeito, uma colaboração maior entre os dois países poderia ajudar a resolver alguns dos principais desafios de segurança que os EUA enfrentarão neste século. Com a ameaça persistente do islamismo militante e o crescente poder econômico e militar da China, uma Rússia forte é algo essencial para a segurança nacional de longo prazo dos EUA e do mundo ocidental.

Por exemplo, as Forças Armadas dos EUA estão sobrecarregadas e não têm condições de se envolver em uma desastrosa concorrência com as Forças russas, apesar da redução destas últimas desde o término da Guerra Fria. Além disso, em um ambiente fiscal cada vez mais restrito, as Forças Armadas dos EUA só estarão aptas a lidar com um certo número de tarefas. Assim, é preciso delimitar a política externa norte-americana, priorizar suas missões e buscar parceiros como a Rússia.

Quanto à Rússia, os EUA e o Ocidente são essenciais para sua modernização, além de representarem uma proteção para o que possa surgir a leste e a sul de suas fronteiras nas próximas décadas⁷⁸.

Assim, seria do interesse de longo prazo de ambos os países resistir a uma retomada da Guerra Fria, conciliar suas diferenças, fazer um maior esforço em entender os pontos de vista e interesses um do outro e voltar sua atenção a lidar com as ameaças em comum. ■

George Michael é professor associado de Justiça Penal na Westfield State University, no Estado de Massachusetts. Concluiu seu doutorado pela Escola de Políticas Públicas da George Mason University. Foi, anteriormente, professor associado de Teoria de Dissuasão e Antiproliferação Nuclear no Air War College, em Montgomery, Estado do Alabama. Michael é o autor de sete livros, e seus artigos constam de várias publicações acadêmicas. Apresentou o segmento BookTV do Canal C-SPAN2 em cinco ocasiões.

Referências

1. Michael Crowley e Simon Shuster, “This is War”, *Time*, 19 May 2014, p. 32.
2. Wynne Russell, “Russian Relations with the Near Abroad”, in *Russian Foreign Policy Since 1990*, ed. Peter Shearman (Boulder, CO: Westview Press, 1995), p. 53. Partes da Ucrânia passaram, oficialmente, para o controle czarista russo no final do século XVIII, após a divisão da Polônia e a conquista da Crimeia, então sob o controle do cã. A partir de então, a Ucrânia passou a fazer parte de uma união com a Rússia, até conquistar sua independência, com a dissolução da União Soviética, em 1991. Como explicou Wynne Russell, algumas das antigas repúblicas soviéticas, a Ucrânia e a Belarus, em particular, são “vistas por muitos russos não apenas como antigas parentes, mas, de fato, como sendo inseparáveis do próprio conceito de Rússia”.
3. Crowley e Shuster, p. 33.
4. David Paul, “Xi and Putin Playing Dangerous Games to Mask Domestic Problems”, *The Huffington Post*, 12 May 2014, <http://www.huffingtonpost.com/david-paul/xi-and-putin-playing-dangerous-games-to-mask-domestic-problems>
5. Julie Pace, “Obama Expands U.S. Sanctions against Russia, including Putin Advisors, Bank”, *Associated Press*, 20 Mar. 2014, <http://www.reviewjournal.com/news/obama-expands-us-sanctions-against-russia-including-putin-advisors-bank> (acesso em 13 Nov. 2014).
6. Stephen Sestanovich, “A Bold EU Move Against Vladimir Putin?” *The Wall Street Journal* blog “Washington Wire”, publicado em 7 May 2014, <http://blogs.wsj.com/washwire/2014/05/07/a-bold-e-u-move-against-vladimir-putin/>, (acesso em 5 Nov. 2014). Em virtude de sua dependência em relação ao gás natural da Rússia, a Europa terá dificuldades em ir adiante com essa sanção como forma de moderar a agressão de Putin.
7. Marissa Payne, “Vladimir Putin makes his WWE debut at ‘Extreme Rules’”, *The Washington Post*, 5 May 2014, <http://www.washingtonpost.com/blogs/early-lead/wp/2014/05/05/vladimir-putin-makes-his-wwe-debut-at-extreme-rules/> (acesso 5 Nov. 2014).

8. John W. Parker, *Russia's Revival: Ambitions, Limitations, and Opportunities for the United States* (Washington D.C.: Center for Strategic Research, Institute for National Strategic Studies, National Defense University, 2010), p. 10-11.
9. Steven Eke, "Russia Faces Demographic Disaster", *BBC News*, 7 Jun. 2006, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/5056672.stm> (acesso 5 Nov. 2014).
10. "Russians Offered Day Off, Prizes to Procreate", *Associated Press*, 14 Aug. 2007, http://www.nbcnews.com/id/20268426/ns/world_news-europe/t/russians-offered-day-prizes-procreate/#.U-UUruNdWuo (acesso 5 Nov. 2014); Tom Parfitt, "Vladimir Putin Pledges to Spend £32bn on Increasing Russian Life Expectancy", *The Guardian*, 21 Apr. 2011, <http://www.theguardian.com/world/2011/apr/21/vladimir-putin-increasing-russian-life-expectancy> (acesso 5 Nov. 2014).
11. Parker, p. 20.
12. Walid Pares, *The Confrontation: Winning The War against Future Jihad* (New York: Palgrave MacMillan, 2008), p. 97.
13. Thomas Graham, "The Sources of Russia's Insecurity", *Survival*, 52(1), (Feb./Mar. 2010): p. 55.
14. Eugene Bazhanov, "Russian Policy Toward China", in *Russian Foreign Policy Since 1990*, ed. Peter Shearman (Boulder, Colo.: Westview Press, 1995), p. 159.
15. Parker, p. 22.
16. Joseph A. D'Agostino, "Motherless Russia – Muslims and Chinese Vie For Huge Assets of Dying Nation", *Life Site*, 26 Dec. 2006, <http://www.lifesitenews.com/news/motherless-russia-muslims-and-chinese-vie-for-huge-assets-of-dying-nation> (acesso 5 Nov. 2014); Matthias Schepp, "Change in Russia's Far East: China's Growing Interests in Siberia", *Der Spiegel*, 6 May 2011, <http://www.spiegel.de/international/world/change-in-russia-s-far-east-china-s-growing-interests-in-siberia-a-761033.html> (acesso em 22 Jun. 2014).
17. Ilan Berman, *Implosion: The End of Russia and What it Means for America* (Washington, DC: Regnery Publishing, Inc., 2013), p. 52-65.
18. Thomas Graham, "New U.S. National Military Strategy: The United States sees Russia as an Asian power", *Valdai Discussion Club*, 10 Feb. 2011, <http://valdaiclub.com/opinions/a162532266.html> (acesso em 10 Jul. 2014). Thomas Graham, diretor principal da firma Kissinger Associates, opinou que a estratégia sugeria uma transição da Guerra Contra o Terrorismo, que estava no âmago da política externa e de segurança do Presidente George W. Bush, para um foco maior na ascensão da Ásia; veja, também, Department of Defense, *The National Military Strategy of the United States* (Washington, D.C.: U.S. Department of Defense, 2011), <https://acc.dau.mil/adl/en-US/425505/file/55897/2011%20National%20Military%20Strategy.pdf> (acesso em 5 Nov. 2014).
19. Dmitri Trenin, "Russia Reborn: Reimagining Moscow's Foreign Policy", *Foreign Affairs* (Nov./Dec. 2009): p. 78.
20. Berman, p. 29-30.
21. Michael Mainville, "Islam Thrives as Russia's Population Falls", *Toronto Star*, 3 Dec. 2006, <http://www.imra.org.il/story.php3?id=31875> (acesso 5 Nov. 2014).
22. "Russia reports surge in illegal immigration from Asia", *Indian Express*, 26 May 2010, <http://archive.indianexpress.com/news/russia-reports-surge-in-illegal-migration-from-asia/623952/> (acesso 22 Jun. 2014).
23. Owen Matthews, "The Backlash Against Immigration in Russia", *Newsweek*, 13 Feb. 2009, <http://www.newsweek.com/backlash-against-immigration-russia-82703> (acesso em 5 Nov. 2014).
24. Daniel Pipes, "Muslim Russia?" *The Washington Times*, 20 October 2013, <http://www.washingtontimes.com/news/2013/oct/20/pipes-muslim-russia/> (acesso em 5 Nov. 2014); Mainville; D'Agostino.
25. Berman, p. 27-39.
26. Berman, p. 31-32.
27. Paul Goble, "Moscow's Orthodox Churches Deserted While Streets are Filled with Muslims", *The Interpreter*, 30 Jul. 2014, <http://www.interpretermag.com/moscows-orthodox-churches-deserted-while-streets-are-filled-with-muslims/> (acesso em 5 Nov. 2014). Amparada pelo ressurgimento islâmico, o Conselho de Muftis na Rússia pressionou as autoridades de Moscou a revogarem sua decisão e permitirem a construção de pelo menos uma mesquita em cada uma das dez divisões administrativas da cidade. O Prefeito Sergei Sobyenin resistiu a esse pleito por medo da reação dos moscovitas. Apesar de sua recusa, consta que muitos muçulmanos em Moscou hoje zombam, entre si, do que aconteceu com as igrejas ortodoxas em Constantinopla (hoje denominada Istambul), após ela ser conquistada e transformada em capital do califado.
28. Paul Goble, "Medvedev, Putin Send Contrasting Messages to Russia's Muslims", *Window on Eurasia*, 1 Oct. 2008, <http://windowoneurasia.blogspot.com/2008/10/window-on-eurasia-medvedev-putin-send.html> (acesso 5 Nov. 2014).
29. Michael Blume, "The Reproductive Benefits of Religious Affiliation", in *The Biological Evolution of Religious Mind and Behavior*, eds. Eckart Voland and Wulf Schiefenhövel (New York: Springer, 2009), p. 117-126; Charlie L. Reeve, "Expanding the G-Nexus: Further Evidence Regarding the Relations Among National IQ, Religiosity and National Health Outcomes", *Intelligence*, 37(5) (September-October 2009): p. 495-505.
30. Nicholas Eberstadt, "The Enigma of Russian Mortality", *Current History*, 109 (729) (October 2010): p. 289.
31. Berman, p. 13-26.
32. Eberstadt, p. 291.
33. Berman, p. 39.
34. D'Agostino.
35. Bat Ye'or, *Eurabia: The Euro-Arab Axis* (Madison, NJ: Farleigh Dickinson Press, 2005). A Eurábia é um neologismo criado pela escritora israelense Gisele Littman, sob o pseudônimo Bat Ye'or. Ela alerta que, se o equilíbrio demográfico na Europa mudar para uma maioria muçulmana, o continente se distanciará de suas alianças com os EUA e Israel.
36. Parker, p. 4. Uma organização de direitos humanos baseada em Moscou, Memorial, estima que 15 mil militares russos foram mortos nos conflitos. Veja, também, International Humanitarian Law Pro Bono Project, "Chechnya: Fight for Independence from Russia", <http://www.gistprobono.org/id223.html> (acesso 5 Nov. 2014). O governo russo se mostrou flagrantemente relutante em divulgar o número de baixas ocorridas nas guerras na Tchetchênia. Para obter dados sobre as baixas da Guerra Afegã-Soviética, veja "Did the USSR Win the War in Afghanistan?", *Pravda*, 28 Dec. 2011, <http://english.pravda.ru/history/28-12-2011/120105-us-sr-afghanistan-0/> (acesso em 15 Ago. 2014).
37. "Chechen Official Puts Death Toll for 2 Wars at up to 160,000", *New York Times*, 16 Aug. 2005, <http://www.nytimes.com>

[com/2005/08/15/world/europe/15iht-chech.html?_r=0](http://www.nytimes.com/2005/08/15/world/europe/15iht-chech.html?_r=0) (acesso em 5 Nov. 2014). Segundo as estimativas de um relatório não oficial divulgado pelo governo tchetcheno em 2005, o total de mortes nas duas guerras chegou a 160 mil.

38. Berman, p. 43.

39. Yosseff Bodansky, *Chechen Jihad: Al Qaeda's Training Ground and the Next Wave of Terror* (New York: HarperCollins, 2007), p. 2.

40. Berman, p. 44.

41. Barak Mendelsohn, *Combating Jihadism: American Hegemony and Interstate Cooperation in the War on Terrorism* (Chicago and London: The University of Chicago Press, 2009), p. 191.

42. Bodansky, p. 175. A política norte-americana em relação aos separatistas parece destinar-se a enfraquecer o poder da Rússia na região, para que empresas ocidentais possam levar adiante o plano de construir o oleoduto Baku-Tblisi-Ceyhan, que atravessa a região do Cáucaso. O oleoduto tornaria a Europa menos dependente dos produtos energéticos da Rússia, além de gerar enorme receita para companhias petrolíferas ocidentais. Com efeito, os governos dos EUA, Rússia e China consideraram, seriamente, o Afeganistão, como um possível local para a construção de oleodutos. O jornalista Ahmed Rashid batizou o empreendimento de "Novo Grande Jogo". Segundo uma de suas reportagens, o governo Clinton buscou auxiliar uma firma norte-americana, a Unocal, em seu esforço de construir um oleoduto para transportar gás através do Turcomenistão, Afeganistão e Paquistão. O serviço de Inteligência paquistanês instou os EUA a apoiarem o Talibã, na medida em que isso facilitaria o projeto da Unocal. Entretanto, a política interna dos EUA interferiu imediatamente, conforme a situação das mulheres afegãs foi adotada como uma das causas entre as feministas e as liberais famosas de Hollywood. Naquela época, o então Vice-Presidente Al Gore se preocupava em angariar o apoio desses eleitorados nas eleições presidenciais. Além disso, a contínua moderação do governo no Irã fez com que uma parceria com o país se tornasse mais atraente. Em consequência, a política norte-americana ficou mais restrita em relação ao Talibã. Veja, também, Ahmed Rashid, *Taliban* (New Haven, CT: Yale Nota Bene, 2001), p. 156-177.

43. Wayne Madsen, "The Ties That Bind Washington to Chechen Terrorists", *Strategic Culture Foundation*, 26 Apr. 2013, <http://www.strategic-culture.org/news/2013/04/26/the-ties-that-bind-washington-to-chechen-terrorists.html> (acesso 10 Jan. 2014). Em fevereiro de 2014, McFaul anunciou que estava se afastando do cargo. Durante seu mandato como embaixador, entrou em choque, muitas vezes, com o Kremlin. Veja também, "US Ambassador to Russia to leave after two years", *Yahoo News*, 4 Feb. 2014, <http://www.thehindu.com/todays-paper/tp-international/outspoken-us-ambassador-to-russia-to-leave-after-two-years/article5655402.ece> (acesso 12 Jun. 2014); Michael McFaul e Kathryn Stoner-Weiss, "The Myth of the Authoritarian Model: How Putin's Crackdown Holds Russia Back", *Foreign Affairs* (January/February 2008). Em 2008, em colaboração com Kathryn Stoner-Weiss, McFaul escreveu um artigo para a influente revista *Foreign Affairs*, no qual ele lançou dúvidas sobre a viabilidade da Rússia de Putin. Os autores atribuíram o crescimento econômico que coincidiu com o mandato de Putin à alta de preços do petróleo e criticaram o recuo da democracia por Putin na Rússia, incluindo seu controle cada vez maior sobre a mídia. Confira o relato de McFaul sobre seu mandato como embaixador em David Remnick, "Watching the Eclipse",

The New Yorker, 11 Aug. 2014, <http://www.newyorker.com/magazine/2014/08/11/watching-eclipse> (acesso em 5 Nov. 2014).

44. Edward Lucas, *The New Cold War: Putin's Russia and the Threat to the West* (New York: Palgrave/Macmillan, 2008), p. 202.

45. Ibid.

46. Pipes.

47. Paul J. Sanders, "Putin's Muslim family values" *Al Monitor*, 29 May 2014, <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2014/05/russia-putin-values-based-diplomacy-muslim-world.html> (acesso 5 Nov. 2014).

48. Lucas, p. 203.

49. Julian Schofield, *Strategic Nuclear Sharing* (New York: Palgrave/Macmillan, 2014), p. 118-119.

50. Parker, p. 24-25. Essa análise é de Yevgeny Satanovsky, chefe do Instituto do Oriente Próximo, em Moscou.

51. Michael Kort, *The Soviet Colossus: History and Aftermath* (Armonk, NY: M.E. Sharpe, Inc., 2010), 449; see also, Christopher True, "'Ghost Villages' Haunt Russian Vote", *Al-Jazeera*, 2 Mar. 2012, <http://www.aljazeera.com/indepth/spotlight/russianelections/2012/03/20123272311679897.html> (acesso em 5 Nov. 2014).

52. Masha Gessen, *The Man Without a Face: The Unlikely Rise of Vladimir Putin* (New York: Riverhead Books, 2012).

53. Lucas, p. 53; Gessen, p. 177-197.

54. Crowley e Shuster, p. 33.

55. United Press International, "Gorbachev Named Least Popular Russia Leader", 2 Feb. 2012, http://www.upi.com/Top_News/World-News/2012/02/02/Gorbachev-named-least-popular-Russia-leader/UPI-27121328208913/ (acesso em 5 Nov. 2014). Em uma enquête realizada pela mídia estatal russa, no início de 2012, Mikhail Gorbachev e Boris Yeltsin foram identificados como os dois dirigentes menos populares do século passado. Em contrapartida, 61% dos respondentes russos descreveram as políticas de Putin durante seus dois mandatos como sendo "geralmente positivas".

56. Berman, p. 107.

57. Alexander Solzhenitsyn, *The Russian Question at the End of the Twentieth Century* (New York: Farrar Straus & Giroux, 1995).

58. Berman, p. 108.

59. Alexander Dugin, *The Fourth Political Theory* (London: Arktos, 2012).

60. James D. Heiser, "The American Empire Should be Destroyed", *Aleksander Dugin and the Perils of Immanentized Eschatology* (Malone, TX: Repristination Press, 2014), p. 77

61. Ibid., p. 96.

62. Russell, p. 53.

63. Site do governo ucraniano, <http://ukrcensus.gov.ua/eng/> (acesso em 7 Ago. 2014). Os russos étnicos compõem cerca de 17% da população na Ucrânia. Samuel P. Huntington, *The Clash of Civilizations: Remaking of World Order* (New York: Touchstone, 1996), p. 164. Como observou Huntington, a Belarus "faz parte da Rússia em tudo, menos no nome." O Presidente bielorrusso Alyaksandr Lukashenka uma vez sugeriu fundir seu país à Rússia, para formar uma união, embora tenha, posteriormente, abandonado essa posição, em parte, por causa das afrontas públicas de Putin; Lucas, p. 133-134 e p. 147. Anteriormente, candidatos pró-Moscou conquistaram enormes vitórias em eleições regionais na Crimeia.

64. Parker, p. 14-15. Em 2009, o orçamento militar da Rússia

era de US\$ 61 bilhões, o que o coloca abaixo de várias outras nações, incluindo os EUA (US\$ 663 bilhões), China (US\$ 98,8 bilhões), Grã-Bretanha (\$69,3 bilhões) e França (US\$ 67,3 bilhões).

65. Dale R. Herspring, "Is Military Reform in Russia for 'Real'? Yes, But...", in *The Russian Military Today and Tomorrow: Essays in Memory of Marty Fitzgerald*, eds. Stephen J. Blank and Richard Weitz (Carlisle Barracks, PA: U.S. Army War College, July 2010), p. 151, <http://www.strategicstudiesinstitute.army.mil/pdffiles/pub997.pdf> (acesso em 5 Nov. 2014); Pavel K. Baev, "Russian Military Perestroika", Center on the United States and Europe at Brookings, U.S.-Europe Analysis Series Number 45 (29 Apr. 2010), p. 3, http://www.brookings.edu/~media/research/files/papers/2010/4/29%20russia%20military%20baev/0429_russia_military_baev.pdf (acesso em 5 Nov. 2014).

66. Graham, p. 55.

67. Dmitri Trenin, "Russian Perspectives on the Global Elimination of Nuclear Weapons", in *Unblocking the Road to Zero: Russia and the United States*, ed. Barry Blechman (Washington, D.C.: Henry L. Stimson Center, 2009), p. 6.

68. Parker, p. 17.

69. Federation of American Scientists, *Status of World Nuclear Forces*, <http://fas.org/issues/nuclear-weapons/status-world-nuclear-forces/> (acesso em 5 Nov. 2014). Segundo a Federação de Cientistas Norte-Americanos, em 2014, o arsenal nuclear total dos EUA inclui 7.315 ogivas, das quais 1.920 são armas estratégicas operacionais. No caso da Rússia, os totais são de 8.000 e 1.600, respectivamente. Apesar desses números consideráveis, eles representam uma redução significativa das quantidades máximas de cerca de 32 mil e 45 mil ogivas nucleares de Washington e Moscou, respectivamente, durante a Guerra Fria; see also Amy F. Woolf, *The New START Treaty: Central Limits and Key Provisions* (Washington, D.C.: Congressional Research Service, 8 Apr. 2014), <http://fas.org/spp/crs/nuke/R41219.pdf> (acesso em 5 Nov. 2014). Desde o fim da Guerra Fria, Washington e Moscou celebraram uma série de pactos de controle de armas, sendo o mais recente o New START, ratificado no início de 2011. Segundo as disposições do pacto, tanto os EUA quanto a Rússia reduzirão suas armas nucleares estratégicas empregadas operacionalmente para 1.550 ogivas.

70. Joseph Cirincione, *Bomb Scare: The History and Future of Nuclear Weapons* (New York: Columbia University Press, 2008),

p. 96-97. Em 1995, por exemplo, as tropas russas confundiram um foguete meteorológico norueguês com um míssil balístico lançado por submarino norte-americano, o que levou o Presidente Boris Yeltsin a abrir a "mala nuclear" pela primeira vez na era nuclear.

71. William Pfaff, "A Real Risk of War", *Chicago Tribune*, 6 May 2014, http://articles.chicagotribune.com/2014-05-06/opinion/sns-201405061600--tms--wpfafftr--v-a20140506-20140506_1_president-putin-crimea-war (acesso em 5 Nov. 2014). Kerry chegou a descrever os russos como "brutamontes" e chamou de "mentiroso" o Ministro de Relações Exteriores da Rússia.

72. Miguel Francis, "Western Experts Continue to View Russia Negatively Instead of Being Worried about Muslim Extremism – Expert", *The Voice of Russia*, 28 Oct. 2013, http://voiceofrussia.com/2013_10_28/Western-experts-continue-to-view-Russia-negatively-instead-of-being-worried-about-Muslim-extremism-expert-9270/ (acesso em 4 Ago. 2014).

73. David Paul, "Xi and Putin Playing Dangerous Games to Mask Domestic Problems", *The Huffington Post*, 12 May 2014, http://www.huffingtonpost.com/david-paul/xi-and-putin-playing-danger_b_5307549.html (acesso em 5 Nov. 2014).

74. Charles A. Kupchan, "Why Russia Should Join the Atlantic Alliance" *Foreign Affairs*, (May/June 2010): p. 100-112. Kupchan chegou a propor a inclusão da Rússia na OTAN. Isso revitalizaria a conexão transatlântica ao transformar a Europa no parceiro geopolítico mais forte, que os EUA buscam com urgência, o que é importante quando se considera a lentidão da União Europeia em questões de defesa. A entrada da Rússia possibilitaria a adesão de países como a Geórgia e a Ucrânia, sem que isso provocasse uma crise com Moscou. As linhas divisórias e a concorrência entre eles desapareceriam.

75. Alison Smale e Michael D. Shear, "Russia Is Ousted From Group of 8 by U.S. and Allies", *The New York Times*, 24 March 2014, http://www.nytimes.com/2014/03/25/world/europe/obama-russia-crimea.html?_r=0 (acesso em 5 Nov. 2014). A Rússia foi expulsa do G8 em março de 2014, em consequência de sua incursão na Crimeia.

76. Kupchan, p. 101.

77. Thomas P.M. Barnett, *Great Powers: America and the World after Bush* (New York: G.P. Putnam's Sons, 2009), p. 230.

78. Parker, p. 1.